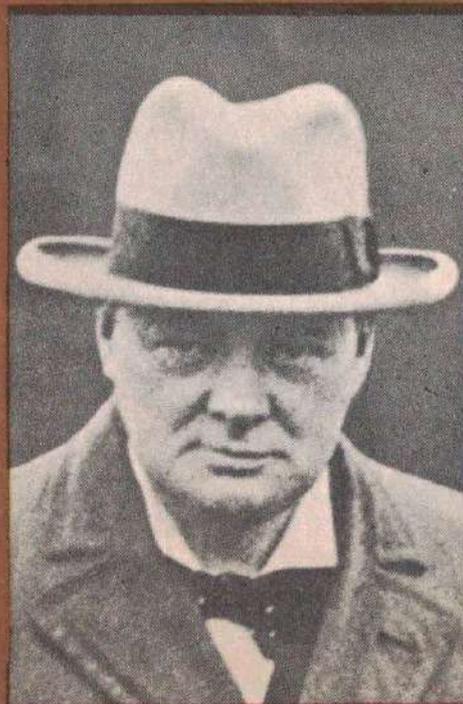
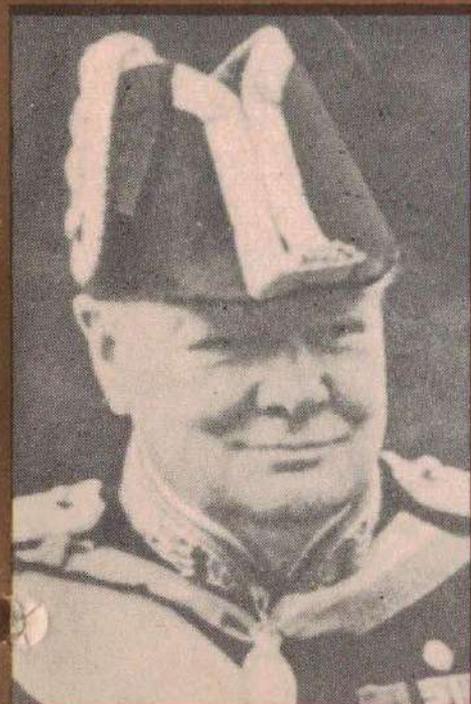
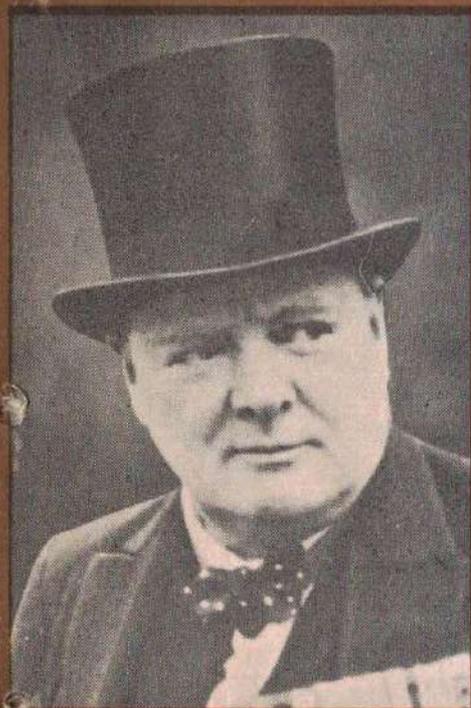


SEÇÃO DE LIVROS

HOMIEM DO SÉCULO

*Churchill
em Desfile*



Ninguém merece mais o título de “Homem do Século” do que Sir Winston Churchill. Nos seus nove decênios de existência tem êle levado uma vida de incomparáveis e arrojadas aventuras tanto no plano físico como no plano intelectual.

As suas qualidades são tantas e tão variadas que chegam quase a parecer incríveis. Foi soldado, estadista, orador, escritor, pintor, desportista. As suas façanhas parecem sôbre-humanas e, apesar disso, nunca houve figura mais humana. Foi sempre um homem de sangue, suor, lágrimas... e riso.

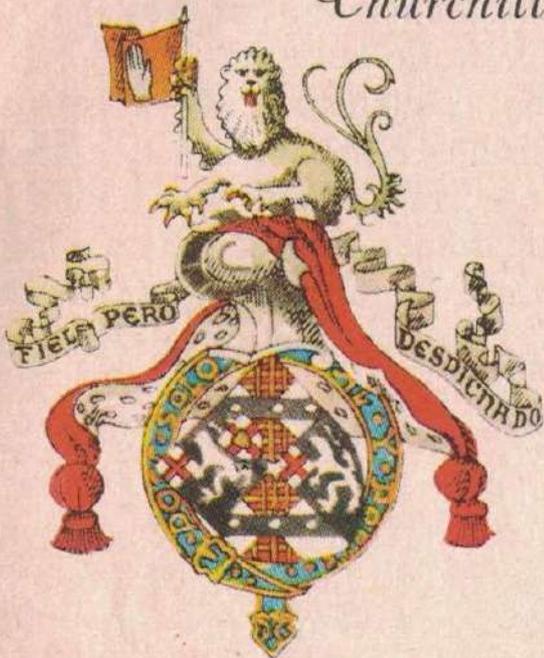
“As anedotas são os luzentes brinquedos da História”, escreveu êle certa vez, e aqui se encontram histórias verdadeiras e vívidas sôbre o próprio Churchill, colhidas em livros, artigos e reportagens. Dão-nos o perfil singular de um homem tumultuoso, irrefreável e de grande bondade.



LOW

HOMEM DO SÉCULO

Churchill em Desfile



NUMA TARDE de verão, há quase 100 anos, o sétimo Duque de Marlborough recebeu uma carta desconcertante de seu filho, Lorde Randolph Churchill. Randolph tinha 24 anos. Estudara na Universidade de Oxford e depois daquela data passara o tempo viajando. A carta anunciava que êle, durante uma visita à Ilha de Wight, conhecera uma môça americana com quem desejava casar-se sem demora. Ela chamava-se Jennie Jerome.

Lorde Randolph confessava que havia apenas 48 horas que a conhecia e que pouco sabia a respeito de sua família. "O Sr. Jerome", dizia êle na carta, "é obrigado a viver em Nova York para cuidar dos seus negócios, que eu não sei quais são."

Não tardaria a descobri-lo. Leonard Jerome era um grande flibus-

teiro americano que, além de ganhar ou perder milhões, fundara os dois primeiros grandes prados de corridas dos Estados Unidos e construía um teatro de ópera particular. Fôra também cônsul americano em Trieste e era co-proprietário do *Times* de Nova York. Jennie, sua filha, era uma jovem de impressionante beleza. Os olhos escuros e brilhantes, sua encantadora vivacidade e porte eram admirados nas rodas sociais. Era também excelente pianista e pintora talentosa.

A carta de Lorde Randolph inquietou o Duque, que o aconselhou a esperar. Mas Randolph não se deixou desencorajar. Em abril de 1874 candidatou-se ao Parlamento e foi eleito. Pouco depois êle e Jennie Jerome casaram.

O jovem casal residia em Londres,

mas ia com freqüência visitar o Duque e a Duquesa no solar ancestral dos Churchill, o Palácio de Blenheim, onde Randolph nascera. Era um castelo gigantesco de 320 peças, erguido no centro de 1 100 hectares de parques e jardins. O palácio fôra um presente da Rainha Ana a John Churchill, primeiro Duque de Marlborough e um dos maiores soldados da Inglaterra.

Na noite de 30 de novembro de 1874, Lady Churchill fizera questão, desobedecendo às ordens do seu médico, de comparecer a um baile em Blenheim. De repente, quando a festa estava no apogeu, ela sentiu que a hora, que era esperada para daí a algumas semanas, estava-se aproximando. Retirou-se imediatamente do baile e atravessou apressadamente "a biblioteca, a sala mais comprida da Inglaterra, rumo ao corredor mais extenso do mundo, através de mais de 300 metros de tapête vermelho-escuro" que levava ao seu quarto.

Não conseguiu chegar lá. Ficou no pequeno quarto que, naquela noite, estava sendo usado como vestiário das senhoras. Ali, entre mantos de veludo, regalos e estolas de peles e penas, deu à luz seu primeiro filho, Winston Leonard Spencer Churchill.

—Peter de Mendelssohn

NASCEU num mundo tão remoto no tempo e no espírito que nos parece impossível de reconstituir. Os velhos lavradores do distrito, que admiravam o bebê vermelho e gri-

tador no seu carrinho, eram veteranos da esquadra de Néelson e da vitória de Wellington em Waterloo. Nos Estados Unidos, o Norte e o Sul ainda choravam os seus mortos da Guerra de Secessão.

Duas poderosas correntes—nacionalismo e o socialismo—que iriam abalar e transformar o mundo, já haviam começado a se movimentar. Mas ainda por algum tempo, durante o quarto de século que Winston Churchill levou para chegar à idade adulta, foi uma era de *Pax Britannica*, de reis e de fábricas, onde os trabalhadores eram explorados, de magnatas e de *laissez faire*—um mundo já agonizante, mas de uma graça esplêndida.

—Richard Armstrong

O MENINO fazia tremendo berreiro. Sua Graça, a Duquesa de Marlborough, abanou a cabeça e comentou: "Dei vida a muitas crianças. Eram tôdas muito barulhentas quando nasciam, mas nunca ouvi algazarra como a que faz êste recém-nascido!"

—René Kraus

Um Menino em Constantes Dificuldades

EU ERA o que se costuma chamar "um menino impossível".

—Winston Churchill

O MENINO era ruivo, robusto e não era bonito. Tinha uma grenha de cabelos cacheados, rosto pequeno, redondo e compacto, sardas e nariz arrebitado. Notava-se-lhe certa dificuldade de falar, uma mistura de gagueira e ceceio. Era extremamente

presunçoso, obstinado, convencido e arrogante.

—Peter de Mendelssohn

O MENINO não via muito os pais. O pai vivia absorvido pela política e a mãe envolvida numa vida social ativa. A pessoa a quem êle fazia confidências era a Sr.^a Everest, sua governanta. Um dia ela resolveu levá-lo ao teatro para ver uma pantomima. Havia um ajuntamento de gente e alguém disse que o teatro incendiara-se e do gerente só haviam sobrado as chaves que êle tinha no bôlso.

Winston pediu ansiosamente para ver as chaves—mas o pedido, êle próprio escreveu depois, “parece que não foi muito bem recebido”.

Aos sete anos foi mandado para a Escola St. James, em Ascot. A disciplina era rigorosa. O diretor batia nos meninos até tirar sangue. Winston rebelou-se. Batiam nêle com frequência e à vontade. Apesar disso, negou-se a escrever versos latinos, que alegava não compreender. Chegou uma vez a despedaçar a pontapés um chapéu de palha do diretor, o que fêz dêle o herói da escola.

—Virginia Cowles

Corrigindo os Professôres

COM 12 ANOS de idade foi estudar em Harrow. Também ali foi de longe o pior aluno. Em quatro anos e meio nunca saiu do último lugar. “Aquêle garôto não pode ter *passado em Harrow*”, notou um contemporâneo. “Só se passou *por baixo*.”

—Peter de Mendelssohn

ENTRETANTO, foi em Harrow que êle adquiriu o seu amor à Língua Inglêssa. “Sou todo a favor de os garotos aprenderem Inglêss”, escreveu êle mais tarde. “Deixaria os inteligentes estudarem Latim como uma honra e Grego por prazer. Mas só os espancaria por não saberem Inglêss. E espancaria severamente.”

—E. D. O'Brien

NÃO SABIA o que era mêdo. Um dia, um grande esgrimista apareceu para exhibir a sua perícia diante da escola reunida. Anunciou que iria cortar ao meio uma maçã colocada sôbre a cabeça de um dos garotos e perguntou quem queria apresentar-se como voluntário para a demonstração. A honra foi oferecida ao capitão da equipe de futebol, que não se mostrou muito ansioso em aceitá-la. Foi então que, de repente, um garôto ruivo saiu correndo da carteira e ajoelhou-se diante do esgrimista.

Tinha também uma memória assombrosa. Ganhou o prêmio de elocução recitando 1 200 versos dos *Cantos de Roma Antiga*, de Macaulay, sem cometer um único êrro. Era capaz também de repetir cenas inteiras das peças de Shakespeare e não hesitava em corrigir os professôres quando faziam alguma citação errada.

—Peter de Mendelssohn

MAS ODIAVA a escola e se negava a aprender o que não lhe interessava. Lorde Randolph, seu pai, era nessa época Chanceler do Erário, e quem visitava Harrow procurava ver Wins-

ton entre os alunos. Os alunos ficavam sempre em forma de acôrdo com o seu aproveitamento escolar, e êle ouviu uma das visitas dizer: "Mas êle é o último de todos!"

—Richard Harrity e Ralph G. Martin

Jogos de Guerra

LORDE RANDOLPH foi um dos homens mais espetaculares do seu tempo. Sua carreira foi um meteoro que cruzou o céu no crepúsculo vitoriano, subindo das últimas bancadas políticas da Câmara dos Comuns até chegar a ser seu líder. Dinamizou os derrotados conservadores, levou-os à vitória e foi Chanceler do Erário quando tinha apenas 36 anos. Mas de repente, num momento de irreflexão, renunciou em consequência de uma questão insignificante.

A notícia causou sensação em tôda a Europa. O govêrno oscilou, mas imediatamente recuperou-se. Quase ninguém falou em defesa de Lorde Randolph e ninguém lamentou o seu afastamento.

—Virginia Cowles

ATÉ SEU jovem filho sentiu o impacto do golpe arrasador. "Ninguém podia criar-se na casa de meu pai sem compreender que tinha havido uma grande catástrofe política", escreveu êle.

Atormentado pelo ressentimento, Lorde Randolph, que até então pouca atenção dera ao filho, começou a preocupar-se com êle quando Winston tinha 15 anos. Não fazia a menor idéia do que se passava no íntimo do decepcionante môço. Via apenas

que êle não tinha talento, que não tinha a menor possibilidade de vir a cursar Oxford e que não dava nem para advogado. Que restava então?

—Peter de Mendelssohn

MEU PRIMO Winston era já um colegial crescido quando eu ainda estava na escola maternal. Enchiame de reverente mêdo. No seu quarto de brinquedos havia de ponta a ponta uma mesa na qual se alinhavam milhares de soldados de chumbo em formação de combate. Êle organizava guerras. Os batalhões faziam manobras, caroços de ervilhas e pedrinhas causavam grandes baixas e havia assaltos a fortes e cargas de cavalaria. Era uma espetáculo muito impressionante e êle brincava com um interêsse que mostrava não se tratar de um brinquedo de criança.

—Clare Sheridan

UM DIA, Lorde Randolph entrou no quarto de Winston quando o menino executava uma operação bélica em grande escala com os seus soldados e ficou a observá-lo durante uns 20 minutos. Depois perguntou-lhe abruptamente se êle queria entrar para o Exército. O filho respondeu que sim e o pai aceitou sem discussão sua palavra. Em Harrow, colocaram-no na classe que se destinava ao Exército, a fim de prepará-lo para a Real Academia Militar de Sandhurst.

—Peter de Mendelssohn

Os SOLDADOS de brinquedo mudaram o rumo da minha vida.

—Winston Churchill

A CARACTERÍSTICA de visionário, que deveria no futuro distingui-lo mais do que qualquer outra, já se desenvolvera por essa época, pelo menos de forma rudimentar. Por conta própria, foi procurar um especialista para corrigir o seu ceceio.

“Tenha a bondade de curar o defeito que tenho na fala”, disse êle. “Primeiro, vou para o Exército. Mas, depois, quando fôr ministro, não poderei viver atormentado pela idéia de que terei de evitar tôdas as palavras que começarem por S.”

—René Kraus

FOI REPROVADO duas vêzes no exame de admissão para Sandhurst e é bem provável que o fôsse pela terceira vez se não tivesse, numa manobra aventureira, quando brincava de pegar, caído de uma ponte de nove metros de altura e dentro de um buraco. Passou três dias inconsciente, mas, durante os subseqüentes meses de convalescença, estudou tanto Matemática que ficou sabendo o suficiente para passar.

—Richard Armstrong

DURANTE sua estada em Sandhurst, Churchill aprendeu a fazer explodir pontes, construir parapeitos, efetuar reconhecimentos de estradas e desenhar mapas. Mas adorava os cavalos. Além das aulas de equitação que recebia na escola, o pai lhe conseguiu um curso adicional com a Real Guarda Montada. Gastava todo o dinheiro que tinha alugando cavalos e dedicava muito do seu tempo organizando corridas de obstáculos.

—Virginia Cowles

“TOMEI nôvo impulso em Sandhurst”, disse Winston. Havendo entrado no fim da classe, diplomou-se em oitavo lugar numa turma de 150 alunos e estava pronto a enfrentar o mundo. Mas foi uma casa triste que o recebeu quando êle saiu de Sandhurst.

—Richard Armstrong

“Winston, Êsse Sujeitinho Arrogante!”

NA PRIMAVERA de 1894, evidenciou-se que Lorde Randolph estava gravemente enfêrmo. Falava quase sempre com voz vacilante e sofria de vertigens. Em janeiro de 1895, aos 45 anos de idade, morreu de paralisia cerebral. “Estavam acabados todos os meus sonhos de camaradagem com êle, de entrada no Parlamento ao seu lado”, escreveu Winston. “Restava-me apenas lutar pelos seus objetivos e defender-lhe a memória.”

Churchill tinha então 20 anos e nessa época os seus atos eram observados com alguma inquietação no Palácio de Blenheim, porque Churchill, depois de seu primo, o nono Duque de Marlborough, era o primeiro na linha de sucessão ao ducado.

Em 1895, quando Consuelo Vanderbilt chegou a Blenheim como a noiva do nono duque, a avó de Winston, que era a velha duquesa-mãe, disse-lhe: “O seu primeiro dever é ter um filho e tem de ser um homem porque seria intolerável que Winston, êsse sujeitinho arrogante, viesse a ser o Duque!”

Consuelo teve, felizmente, um filho, e com isso prestou a Winston Churchill inestimável serviço. Se ela não tivesse tido filhos daquele casamento, êle nunca teria chegado a Primeiro-Ministro. Com a morte do nono duque em 1934 teria herdado os títulos do seu grande antepassado. Naquela época era impossível para um par do Reino renunciar à sua cadeira na Câmara dos Lordes, e, desde 1902, nenhum Primeiro-Ministro pertencera à Câmara dos Lordes. Dêsse modo, na hora da sua maior necessidade, o povo inglês procuraria em vão o homem que o comandasse e o salvasse. Isolado no Palácio de Blenheim, êle seria obrigado a observar a História desenrolar-se em vez de fazê-la de Downing Street.

—Peter de Mendelssohn

Um Soldado em Busca de Guerra

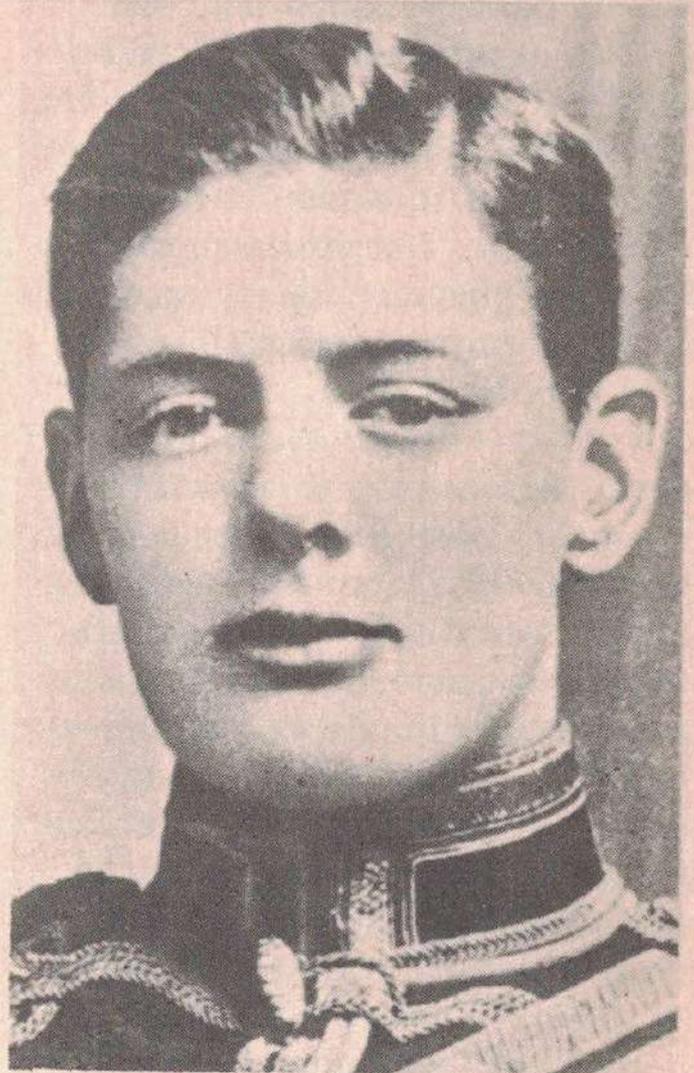
CHURCHILL estava no Exército—o Exército da Rainha, Vitória e de Kipling. Com o pòsto de tenente foi designado para o 4.º de Hussardos. Foi para Aldershot ostentando os dourados, as calças listradas e o casquetezinho redondo que se concediam às tropas montadas da Rainha.

—Philip Guedalla

O JOVEM soldado correu os olhos pelo horizonte do Império Britânico, que repousava plàcidamente no derradeiro fulgor da Era Vitoriana. Através do mundo, a guerra parecia extinta—salvo em Cuba, onde os soldados espanhóis procuravam reprimir uma rebelião de guerrilheiros locais.

O público inglês não se interessava muito pela rebelião, mas Churchill convenceu o *Daily Graphic* da importância da mesma; foi escolhido como correspondente de guerra e partiu para Havana.

—Peter de Mendelssohn



Um jovem oficial do 4.º de Hussardos

Quando contemplei as praias de Cuba à débil luz do amanhecer, tive a impressão de que estava navegando com o Capitão Silver e via pela primeira vez a Ilha do Tesouro. Era um lugar onde estavam acontecendo coisas de verdade.

—Winston Churchill

A LUTA de guerrilhas era um tipo de guerra sôbre o qual não houvera

qualquer instrução em Aldershot. Mas é evidente pelas descrições de Churchill que em três dias êle compreendeu a natureza dessas lutas.

—Peter de Mendelssohn

NÃO VÍAMOS como os espanhóis poderiam vencer. Bastava calcular quanto custava a hora de manutenção de uma coluna de quase 4 000 homens andando à roda por aquela selva interminável e úmida. E o inimigo? Havia nas florestas e montanhas bandos de homens esfarrapados que não tinham grande falta de fuzis e munição, e estavam, principalmente, armados de uma formidável espada-cutelo que tinha o nome de *machete*. Para êles a guerra nada custava além de pobreza, risco e desconforto.

Completei o meu 21.º aniversário em 30 de novembro e nesse dia pela primeira vez ouvi tiros disparados com raiva e balas que sibilavam pelo ar.

—Winston Churchill

UM CAVALO foi morto com um tiro a um metro dêle, quando êle descansava à porta de sua cabana. A bala devia ter passado apenas a alguns centímetros da cabeça de Churchill.

—R. W. Thompson

DURANTE todo o dia seguinte continuamos no caminho e depois voltamos para o quartel-general. Jantamos sem qualquer perturbação e fomos para as nossas rêdes.

Logo fui acordado por um tiroteio. Uma bala atravessou o teto de palha da cabana; outra feriu um orde-

nança que estava do lado de fora. Eu gostaria de pular da rêde e estender-me no chão. Mas, como ninguém mais se mexia, julguei mais decente ficar onde estava. Acalmei-me, pensando insistentemente no fato de que o oficial espanhol cuja rêde ficava entre mim e o fogo inimigo era um homem de físico avantajado. Podia-se quase considerá-lo gordo. Nunca tive antipatia pelos gordos. Pouco a pouco, adormeci.

—Winston Churchill

PARTIU de Cuba com uma paixão, que duraria tôda a vida, por serviço ativo, sextas e charutos.

—Philip Guedalla

Batalha de Vontades

DEPOIS, com satisfação para êle, começou a haver alguma agitação no mundo. Os Pathans se rebelaram na fronteira da Índia e Churchill conseguiu um lugar junto à fôrça expedicionária enviada contra êles. Foi atacado de emboscada perto do Passo de Khyber, lutou com os Pathans a tiros de revólver à queimadura e foi citado nos despachos de guerra.

—Richard Armstrong

OS SEUS contatos com os soldados locais se faziam apenas por meio de três palavras: "*Maro*" (matar), "*chalo*" (avançar) e "*tallyho!*" que, segundo êle, "fala por si mesma". Descreveu a campanha para dois jornais e disse num dos seus comentários:

"Chi! Chi! Chi! Bum! Bum! Bum! Muitas balas assobiavam em tórno

de nós. Um homem teve o peito varado à bala e se esvaiu em sangue. O oficial inglês ia bem ao meu lado, com o rosto como uma posta de sangue e o olho direito vasado. Foi sem dúvida uma aventura.”

—Richard Harrity e Ralph G. Martin

TENDO ORDEM de apresentar-se ao seu regimento, que servia tranquilamente em Bangalore, na Índia, Churchill andava inquieto. Durante as tardes compridas e abafadas, o ambicioso hussardo lia e entesourava na sua fenomenal memória a grande literatura de que não se aproximara em Harrow e Sandhurst—Platão, Aristóteles, Darwin, Macaulay. Além de ler todos os discursos do pai e de aprender muitos de cor, enveredou pela *Decadência e Queda do Império Romano*. Ali, na prosa de Gibbon, encontrou o modelo para a imponência e a ressonância do estilo churchilliano.

—John Davenport
e Charles J. V. Murphy

EM BANGALORE escreveu *A História da Fôrça Expedicionária de Malakand*, crônica brilhante e viva de uma campanha de fronteira, em que êle não hesitou em criticar certos aspectos das táticas militares britânicas.

Mas Winston teve motivos para deplorar o livro. A maior fôrça britânica já congregada em muitos anos estava sendo organizada no Egito, sob o comando do General Sir Herbert Kitchener, para invadir o Sudão e atacar um exército de dervixes. Todos os oficiais ansiavam por

ser incorporados à expedição, entre êles, Churchill. Mas, por infelicidade, Kitchener lera o livro e tinha opiniões firmes a respeito de insolentes jovens subalternos. Negou-se categoricamente a admitir Churchill na sua expedição—mesmo depois de Lorde Salisbury, que era o Primeiro-Ministro, haver sido persuadido a usar da sua influência.

Travou-se uma verdadeira batalha de vontades entre o mais ilustre soldado da Inglaterra e o Tenente Winston Churchill. Winston venceu.

—Geoffrey Bocca

Sorte de Tenente

DESIGNADO para o 21.º de Lanceiros, foi para o Sudão. Os dervixes avançavam e um choque era inevitável.

A Carga da Brigada Ligeira estava ainda viva na memória do povo. Pertencia à tradição romântica a que, no fim da era vitoriana, os jovens soldados ainda se apegavam com entusiasmo. O romantismo da Inglaterra do século XIX estava para terminar com a última carga de cavalaria e dela participaria Churchill. É chamada na História a Carga de Omdurman.

—Princesa Marthe Bibesco

NUM LADO do campo de batalha a fila de cavalarios de 300 homens carregava contra 3 000 inimigos. No fragor da carga, não se ouviam as balas que passavam estridentemente, mas havia já claros na linha dos Lanceiros. Cavalarios e indígenas se confundiam na refrega.

O Tenente Churchill, no seu cavalo árabe ruço, estava armado com uma automática Mauser. Quando entrou em contato com o inimigo, um dervixe pulou no chão com a espada pronta para um golpe de baixo para cima. Churchill desviou o cavalo e atirou.

Adiante estava outro dervixe. Churchill atirou de novo, de tão perto que a própria pistola como a bala, atingiu o alvo. O guerreiro caiu. Havia um cavaleiro árabe com uma cota de malha. A pistola detonou novamente.

Churchill havia atravessado as linhas inimigas. Sofreu o cavalo e olhou em volta. À esquerda, havia uma massa de indígenas lutando a arma branca. À frente, inimigos armados de fuzis procuravam atingi-lo. Churchill teve a impressão de que estava bloqueado, sozinho, isolado no meio da batalha. Sentiu um súbito espasmo de medo. A uns 400 metros de distância os homens do seu esquadrão recompunham-se. Dirigiu-se a galope para onde eles estavam.

Um dervixe, isolado, levantou-se da areia e avançou, brandindo a lança. O revólver detonou de novo. O dervixe caiu morto na areia. Era a última bala da Mauser. A sorte do Tenente Churchill não falhara.

—Lewis Broad

A BATALHA de Omdurman durou cinco horas. As baixas do exército dos dervixes foram de quase 10 000 mortos, 16 000 feridos e 5 000 prisioneiros. Os ingleses tiveram 25

mortos e 126 feridos. Ao anoitecer, Churchill entrou em Omdurman com o vitorioso Kitchener.

—Peter de Mendelssohn

Os dois livros que eu já escrevera e o meu serviço como correspondente de guerra me haviam rendido cinco vezes mais do que a Rainha me pagara por anos de trabalho assíduo e às vezes perigoso. Em vista disso, resolvi voltar à Índia, ganhar o torneio de pólo, dar baixa do Exército, escrever o meu novo livro e sondar as possibilidades de entrar para o Parlamento. —Winston Churchill

VOLTOU ao 4.º de Hussardos na Índia. O torneio inter-regimental de pólo foi disputado em fevereiro de 1899. Quatro dias antes da partida deslocou um ombro, mas mandou apertar o cotovêlo direito de encontro ao corpo com correias de loros, entrou a galope no campo à frente da sua equipe e conseguiu marcar três dos quatro tentos conquistados por ela, os quais foram suficientes para a vitória. Era a primeira vez que um regimento de cavalaria estacionado no sul da Índia vencera a competição. A vitória do seu quadro era a sua vitória pessoal. Deixou a Índia, o 4.º de Hussardos e o Exército numa aura de glória.

—Princesa Marthe Bibesco

O Correspondente de Guerra

EM JUNHO de 1899 houve uma eleição em Oldham, e o Partido Conservador convenceu Churchill a candidatar-se a uma cadeira da Câ-

mara dos Comuns. Perdeu por uma diferença de 1 300 votos.

—Richard Harrity e Ralph G. Martin

“UM HOMEM môço não pode querer ir muito longe na vida sem levar alguns bons tapa-olhos”, disse êle.

—Peter de Mendelssohn

AS NUVENS de tempestade que havia muito se acumulavam sôbre a África do Sul romperam-se de repente, e a Inglaterra e os sul-africanos de língua inglêsa ficaram em guerra contra os bôeres de origem holandesa. Logo que a notícia se divulgou, o *Morning Post* ofereceu a Winston o lugar de principal correspondente de guerra. Êle aceitou pressurosamente, arrumou as malas e partiu para o Cabo. —Malcolm Thompson

NA FRENTE de batalha ia num trem blindado, que transportava uma companhia de Fuzileiros de Dublin, quando o comboio foi alvo de terrível fuzilaria e descarrilou. Churchill ajudou a carregar os feridos dos vagões para a locomotiva e mandou-a prosseguir enquanto os outros faziam uma barragem de fogo de proteção. “Não percam a calma”, disse aos soldados. “Isto será muito interessante para o meu jornal.”

Mas dentro em pouco Churchill se viu sob a mira de um fuzil empunhado por um bôer. Feito prisioneiro, teve de marchar 95 quilômetros até chegar a um trem, sendo depois levado para um campo de prisioneiros de guerra em Pretória. “Não

pense que vamos soltá-lo”, disseram-lhe. “Não é todos os dias que pegamos um filho de lorde.”

—Richard Harrity e Ralph G. Martin

DEPOIS de passar três semanas no campo de prisioneiros, Churchill resolveu tentar fugir. Uma noite escondeu-se na privada. “Fiquei observando por uma fresta as sentinelas. De repente, uma delas virou-se e marchou para onde estava o companheiro. Estavam ambos de costas para mim. Saí correndo do meu esconderijo até ao muro e subi por êle. Depois descí o corpo em silêncio para o jardim adjacente. Estava livre!”

Tinha no bôlso 75 libras em dinheiro e quatro barras de chocolate, mas não dispunha de mapa, nem de bússola. Estava no coração do território inimigo. —Peter de Mendelssohn

DOMINAVA-ME impetuoso sentimento de exaltação. Tracei um plano. Procuraria chegar até à estrada de ferro de Delagoa Bay, tomar um trem em movimento e esconder-me sob os bancos. Duas horas depois, avistei os sinais luminosos de uma estação e me escondi na vala adiante da plataforma. De repente ouvi um apito e o ruído das ferragens de um trem que se aproximava. O grande farol amarelo da máquina ficou mais perto e o ruído metálico se transformou em trovoada. A massa escura se ergueu um segundo acima de mim por entre nuvens de fumaça. Levantei-me para cima dos truques, segu-



Feito prisioneiro dos bôeres

rei-me a uma espécie de maçanêta e fui erguido do chão. Era um trem de carga que levava sacos de carvão vazios. Meti-me entre êles até que fiquei inteiramente coberto.

Não sei quanto tempo dormi, mas acordei de repente. Tinha de sair do trem e encontrar algum esconderijo enquanto ainda estivesse escuro. Saí de rastos do meu canto confortável e saltei. Meus pés bateram no chão em duas passadas gigantes, e um instante depois estava estendido na vala, abalado, mas incólume. Tomei a direção das montanhas e entrei num bosquezinho para esperar até ao anoitecer.

—Winston Churchill

NAQUELA noite Churchill divisou ao longe as luzes de uma mina de carvão. Resolveu tentar a sorte. Bateu a uma porta e um homem alto olhou-o com desconfiança até que êle declarou o nome. “Graças a Deus que veio ter aqui”, disse o

homem. “Êste é o único lugar num raio de 30 quilômetros onde você não seria entregue.”

—Virginia Cowles

JOHN HOWARD, gerente das Minas Transvaal, tivera permissão dos bôeres para permanecer a fim de conservar a mina em boas condições. Dewsnap, seu capataz, era, por coincidência, natu-

ral de Oldham. Howard mostrou-lhe uma ordem de prisão, da qual tinham sido distribuídos 3 000 exemplares. Prometia 25 libras pela captura de Churchill, “vivo ou morto”.

—Peter de Mendelssohn

A DESCRIÇÃO não era lisonjeira: inglês, 25 anos, 1,72 m de altura, anda curvado para a frente e tem fala nasal.

—Lewis Broad

COM GRANDE risco para todos, Howard e Dewsnap esconderam Churchill no fundo da mina de carvão. Leu ali *Kidnapped*, de Robert Louis Stevenson, na companhia de ratos-brancos, enquanto lá no alto as patrulhas bôeres efetuavam buscas no distrito. Por fim, Howard conseguiu fazê-lo sair, escondido entre fardos de lã, num trem que transpôs a fronteira para território português.

A sua fuga foi uma sensação na imprensa de dois continentes. Embarcou no primeiro vapor para Dur-

ban, na África do Sul, que estava em poder dos ingleses. Uma verdadeira multidão o esperava no cais e, quase fazendo-o em pedaços, carregou-o nos ombros até à Prefeitura. Recebeu avalanches de telegramas do mundo inteiro. Na Inglaterra um ator de *music-hall* cantava:

O nome de Winston Churchill
É famoso em toda a terra
Como o mais novo e maior
Correspondente de guerra.

—Peter de Mendelssohn

OS BÔERES estavam em debandada e Churchill entrou com os exércitos vitoriosos, primeiro em Johannesburg, depois em Pretória. Deram-lhe uma entusiástica recepção no campo de prisioneiros de onde havia fugido.

Os conservadores, animados pela aparente vitória na África do Sul, marcaram repentinamente as eleições e Churchill estava decidido a participar delas. Partira da Inglaterra no século XIX. Voltava no século XX, com 26 anos de idade, o moço mais famoso do país. Poderia aceitar a oferta mais fácil e entrar para o Parlamento por uma circunscrição segura, mas preferiu voltar a Oldham. Fêz uma campanha difícil e venceu por 222 votos apenas.

—Geoffrey Bocca

A Formação de um Político

EDUARDO VII abriu o primeiro Parlamento do século e do seu reinado a 15 de fevereiro de 1901. O representante de Oldham estava pre-

sente nas últimas bancadas do Governo.

—Peter de Mendelssohn

DEZ MINUTOS depois de ser empossado, estava recostado confortavelmente na bancada, com o chapéu alto bem descido sobre a testa, corpo dobrado na posição adotada pelos ministros, as mãos metidas nos bolsos, olhando o recinto e os que ali estavam, criticamente, como se fossem todos noviços parlamentares.

—Daily Mail

COMO DEPUTADO principalmente, Winston era um dos jovens que mais trabalhavam na Inglaterra. Tinha infinitos cuidados com os seus discursos, chegando às vezes a trabalhar seis semanas nêles. “Durante muitos anos”, escreveu êle, “fui incapaz de dizer qualquer coisa (salvo uma frase em aparte) que não houvesse escrito e decorado.” Ensaiaava os discursos, declamando-os em voz alta.

Escreveu um jornalista: “Podia-se ouvi-lo o dia todo a falar altissimamente no quarto, ensaiando os seus dados e floreios, com o acompanhamento de ressoantes batidas nos móveis.” Logo que concluía um discurso, tinha o cuidado de mandar antecipadamente uma cópia aos jornais, e os jornalistas se surpreendiam muitas vezes de ver que o autor pontilhara confiante os seus originais de “aplausos”.

Mas com o correr dos meses Churchill se foi tornando cada vez mais rebelde dentro do seu partido.

—Virginia Cowles

ÊLE ERA, como fôra o pai, fervoroso partidário do livre-cambismo. Mas os conservadores estavam marchando rapidamente rumo ao protecionismo. Irritado com essa atitude, Churchill atacou um dos seus principais defensores, o Secretário das Colônias, Joseph Chamberlain. Quando Churchill se levantou para falar, foi apupado. Mas não se calou.

Em maio de 1904, por entre as vaias ensurdecedoras dos conservadores e os aplausos, em revide, dos liberais, Winston atravessou para o outro lado da Câmara. Lloyd George, com entusiasmo, chegou-se mais para dentro na sua bancada para dar lugar a Winston ao seu lado.

Dois anos depois da sua defecção, a nação foi às urnas. Os liberais venceram por esmagadora maioria e Churchill foi nomeado Subsecretário das Colônias. —Geoffrey Bocca

O SUBSECRETÁRIO iniciou sem demora uma excursão pelos territórios africanos. A mudança de partido tornara-o antipático para os oficiais do Exército. Em Áden, onde o seu navio fêz escala em viagem para a África, um oficial chamado Calvert era encarregado da guarda principal. Um dia, o telefone tocou. O próprio Calvert conta assim o que aconteceu:

“Ouvi uma voz dizer: ‘Quem fala é Churchill. Gostaria que a bateria de camelos me cedesse um camelo para montar.’ Respondi: ‘Pois não.’ Chamei o primeiro-sargento, que disse: ‘Vou mandar selar o n.º 51.’

Todos nós sabíamos que o n.º 51 era escoiceador e intratável.

“À tardinha, o jovem somali apareceu, rindo. Perguntei-lhe pelo camelo. Respondeu: ‘*Sahib* camelo deu coice em Churchill. *Sahib* Churchill deu coice em camelo. Muito bom camelo agora, *sahib*.’”

—Peter de Mendelssohn

OS PARTICIPANTES dos seus safáris diziam depois que numa caçada êle era o homem mais indisciplinado que já tinham tido a pouca sorte de encontrar. Recusava-se quase sempre a obedecer até às regras de segurança mais simples. Aconselhado certa vez a passar bem longe de uma coluna de formigas de correição, foi olhá-las de perto, ficou cercado, caiu e escapou por pouco, abandonando uma bengala de estimação, que foi devorada. Churchill atirou num rinoceronte branco e só com dificuldade foi induzido a desistir do seu intento de fotografar crocodilos de cima de um tronco que flutuava Nilo abaixo. —Robert Lewis Taylor

“Queremos Traçar Uma Linha”

POR OCASIÃO de uma visita a Manchester, Churchill foi ver os pardieiros dos bairros pobres. Ficou fascinado e horrorizado. “Imaginem o que é viver numa dessas ruas”, disse êle, “sem nunca ver nada de belo—sem nunca provar nada de saboroso—*sem nunca dizer nada de inteligente!*”

—A. L. Rowse

“ESTÁ OBCECADO pelos pobres que acaba de descobrir”, escreveu Char-

les Masterman, em 1908. "Julga-se destinado pela Providência a fazer alguma coisa por êles."

Num discurso revolucionário, feito no St. Andrew's Hall, em Glasgow, Churchill declarou: "Tenho esperanças no estabelecimento universal de padrões mínimos de vida e de trabalho. Devemos traçar uma linha, abaixo da qual não consentiremos que as pessoas vivam e trabalhem, mas acima da qual possam competir com tôda a fôrça da sua virilidade."

Êste era há 50 anos um conceito arrojado. Os seus contemporâneos do Partido Liberal reconheceram com admiração e não pouca inveja que aquêle novato advogara as suas idéias com mais eficiência do que êles tinham podido fazer.

—Peter de Mendelssohn

"Casei-me e Fui Feliz Para Sempre"

Aos 33 ANOS, Churchill conseguira tudo o que podia ser conseguido—por enquanto. Possuía uma cadeira segura no Parlamento como representante de Dundee, e era presidente da Junta de Comércio, fazendo parte do Ministério. Chegara o momento de tratar de assuntos pessoais.

As mães de filhas casadouras estavam lançando as suas rêdes na direção do jovem e promissor Ministro. Houve um momento em que os casamenteiros ligaram seu nome ao de Ethel Barrymore, a quem Churchill muito admirava. Mas no dia 14 de agosto de 1908, o poeta Wil-

frid Blunt anotou no seu diário: "Blanche Hozier escreve de Bleenheim dizendo que sua filha Clementine vai casar-se com Winston Churchill."

—Peter de Mendelssohn

COM 23 ANOS, Clementine Hozier tinha um rosto oval encantador, feições clássicas e grandes olhos bem separados. Para Winston foi um caso de amor à primeira vista. A sua "Clemmie" era não apenas bela, mas também dotada de espírito elevado, inteligente, liberal e apaixonadamente interessada pela política. O casamento realizou-se em St. Margaret's, Westminster. Foi um dos maiores casamentos do século. —Virginia Cowles

NÃO FOI num período de pura alegria que tocaram os sinos para o casamento dos Churchill. Winston, que fizera ataques à Câmara dos Lordes, era chamado de traidor da sua classe e foi, com Clemmie, alvo de ostracismo por parte de muitas pessoas das suas relações. Havia também hostilidades em outro flanco. Churchill se opunha ao voto feminino e as sufragistas juraram vingança. Perseguiam-no e atacavam-no em reuniões públicas, bombardeando-o com frutas e ovos podres.

Não era segredo que Clementine acreditava no direito de voto para as mulheres. Estava com Winston quando três mulheres subiram ao telhado de um salão e, durante todo o discurso por êle proferido, gritaram, através de um ventilador de janela, a sua exigência de voto fe-

minino. Clementine, sentada no estrado do salão, acenava alegremente para as manifestantes. —Jack Fishman

POUCOS MESES depois do nascimento de Diana, primeira filha do casal, Lorde Esher escreveu: “Jantei ontem com Winston em casa dêle. Era



Lady Clementine Churchill

um jantar de aniversário. Seis pessoas apenas. Mas êle teve um bôlo de aniversário com velas. E havia *sortes de estalo*. Êle passou a noite com um chapéu de papel de uma das sortes. Os dois sentaram-se no mesmo sofá e êle lhe segurava a mão. Nunca vi duas pessoas mais enamoradas.” —Peter de Mendelssohn

O Espírito de Churchill

SENDO AINDA o político mais odiado do país, Churchill mantinha viva a hostilidade dos antigos companhei-

ros com a mordacidade dos seus apartes. —Lewis Broad

SIR WILLIAM JOYNSON Hicks fêz uma declaração à qual Winston fêz sinal de que objetava.

—Vejo o meu ilustre colega abanar a cabeça—disse Hicks.—Mas estou apenas externando a minha opinião.

—E eu estou apenas abanando a cabeça—replicou Winston.

Em certa ocasião, Churchill disse alguma coisa que fêz outro deputado levantar-se e formular protestos tão veementes que chegavam a ser quase ininteligíveis.

—O meu ilustre colega—observou Winston—não deve indignar-se mais do que êle proprio pode conseguir. —Edward Marsh

EM JANEIRO de 1910 os liberais voltaram ao govêrno. Churchill obteve uma bem merecida promoção. Foi nomeado Secretário do Interior e devotou ao exercício do cargo todo o seu característico entusiasmo. —A. L. Rowse

NÃO TARDOU que se visse de nôvo exposto a críticas. Por ocasião de um roubo, anarquistas estrangeiros haviam assassinado alguns policiais, entrincheirando-se depois numa casa de Sidney Street. Winston estava no banho quando as autoridades chegaram e pediram autorização para colocar soldados em ação. Tendo apenas uma toalha passada pelo corpo, ouviu os pormenores do caso e deu o seu assentimento. —Guy Eden

DEPOIS, com um casaco guarne-
cido de peles e chapéu alto, o Se-
cretário do Interior foi apreciar os
acontecimentos—e logo que se viu
no local, não pôde deixar de dirigir
pessoalmente as operações de cêrco.
Foi, infelizmente, muito fotografado
e chegou a aparecer nos jornais cine-



O Secretário do Interior nas escaramuças
de Sidney Street

matográficos. Os convencionais e
respeitáveis não poderiam tolerar
semelhante coisa. O Rei Jorge quis
saber o que um ministro estava fa-
zendo em tal situação, espiando das
esquinas por entre balas? Quando
saiu do local, um irritado funcioná-
rio perguntou, censurando-o:

—Que é que você estêve fazendo,
Winston?

—Ora, Charles—disse o ministro
—não seja desagradável. Foi tudo
tão divertido!

—A. L. Rowse

Nuvens de Guerra

SÚBITA e inesperadamente, na ma-
nhã de 1.º de julho de 1911, Sua
Majestade o Imperador da Alema-
nha mandou a sua canhoneira *Pan-
ther* para Agadir, no Marrocos Fran-
cês, para defender ali os interêsses
alemães. Todos os sinos de alarma
da Europa começaram a tocar.

—Winston Churchill

A CRISE de Agadir foi o prelúdio
da Primeira Guerra Mundial. Evi-
denciou a gravidade da ameaça ale-
mã. O espírito de Churchill reagiu
imediatamente. A sua preocupação
imediate foi preparar a Grã-Breta-
tanha.

—Lewis Broad

WINSTON começou a bombardear
o Gabinete com sugestões e dire-
trizes. Na primeira delas, *Aspectos
Militares do Problema Continental*,
profetizou que no 40.º dia de guerra
os alemães estariam com tôda a sua
fôrça ao longo das suas frentes de
batalha e que, se o Exército Fran-
cês não tivesse sido desbaratado, os
Aliados poderiam executar o seu
principal contragolpe. Os generais
chamaram o documento de “ridí-
culo e fantástico”, mas os aconteci-
mentos provaram que Churchill ti-
nha razão. A Batalha do Marne foi
perdida pelos alemães no 42.º dia.

—Virginia Cowles

ÊSSE MEMORANDO se tornou me-
recidamente famoso como um do-

cumento militar clássico, colocado entre os mais esclarecidos testemunhos oficiais do período imediatamente anterior à guerra. Não há outro arquivo oficial que possua coisa alguma com semelhante visão e penetração.

—Peter de Mendelssohn

EM OUTUBRO de 1911, o Primeiro-Ministro Asquith me convidou para passar uns tempos com êle na Escócia. No dia seguinte ao da minha chegada perguntou-me abruptamente se eu gostaria de ir para o Almirantado. “Sem dúvida alguma”, respondi.

Naquela noite, quando fui dormir, vi uma Bíblia em cima da mesa no quarto. Abri-a ao acaso e li.

Sabe, pois, hoje, que o Senhor teu Deus é que passa adiante de ti; é fogo que consome e os destruirá. . . . Não é por causa da tua justiça, nem pela retidão do teu coração que entras a possuir a Sua terra, mas pela maldade destas nações o Senhor teu Deus as lança fora de diante de ti.”

Parecia uma mensagem repleta de reafirmação.

—Winston Churchill

“A Esquadra Estava Pronta”

O nôvo Primeiro-Lorde do Almirantado tratou de aprender o seu ofício. Passou quase oito meses no mar, a bordo do iate do Almirantado. Visitou as instalações navais, os estaleiros e todos os navios importantes. Ao fim disso, sabia “como

era tudo, onde tudo estava e como era que as coisas se articulavam”.

—Virginia Cowles

CHURCHILL respondeu à ameaça alemã com os grandes programas de construções navais de 1912-1914. Fêz a esquadra trocar o carvão pelo óleo, aumentando grandemente a mobilidade e a velocidade. Em 1914, o Almirante von Tirpitz, que ocupava o cargo correspondente na Alemanha, se declarou superado e afirmou que a Alemanha não poderia ultrapassar a Inglaterra nas construções navais.

Terminadas as manobras de verão em julho de 1914, a esquadra deveria ser normalmente dispersada, mas Churchill lançou um olhar sôbre o mundo e, sob a sua responsabilidade, conservou-a unida. Mais tarde recebeu o elogio que mais lhe agradou do seu velho adversário Kitchener: “Uma coisa pelo menos ninguém pode tirar-lhe: a esquadra estava pronta!”

—Richard Armstrong

4 de agosto de 1914. Um pequeno grupo estava reunido no Almirantado. Eram 11 horas da noite—meia-noite pela hora alemã—quando o prazo do nosso ultimato à Alemanha se esgotou. No mundo inteiro, todos os comandantes e almirantes ingleses estavam de prontidão. Só faltava dar o sinal. Dos lados do palácio vinha o rumor de uma grande multidão que cantava *God Save the King*. Nessa profunda ressonância irromperam os sinos do Big Ben. Ao primeiro toque da hora, um movimen-

to como uma febre circulou pela sala. Transmitiu-se para os nossos navios o telegrama de guerra: "Iniciem hostilidades contra a Alemanha." —Winston Churchill

Novos Conceitos Arrojados

FOI TAL o auge de preparação a que os cuidados de Churchill haviam levado a Marinha que a Inglaterra teve o domínio dos mares desde o início. Foi possível então a Churchill lançar o olhar para outros setores; um deles, o desenvolvimento da aviação. —Lewis Broad

CHURCHILL aprendeu a voar, explicando que isso "estimularia" o interesse pela aviação. A verdade é que não pôde resistir à tentação. Com o charuto prêso entre os dentes, voava de acidente para acidente. Os instrutores não confiavam absolutamente nêle enquanto o aparelho não estivesse bem no ar. Mas dêsse novo interesse foi que nasceu o Real Serviço Aéreo Naval. —Richard Armstrong

Os TÉCNICOS navais eram de opinião que a Marinha nada tinha que ver com aviões e que êstes certamente não seriam mesmo de muita utilidade para ninguém, mas Churchill divisou as possibilidades de lançar aviões do convés dos navios de guerra. Chegou a tomar parte em experiências de aviação naval. A Inglaterra foi o primeiro país que teve um avião armado de metralhadora e o primeiro que lançou um torpedo do ar. —Prof. A. M. Low

QUANDO se verificou na França a estagnação da guerra nas trincheiras, Churchill expediu instruções que indicavam um espírito voltado para a invenção do tanque. Solicitou a fabricação de automóveis blindados, dotados de meios para atravessar trincheiras.

Sempre que o Diretor do Departamento do Ar ia procurá-lo para tratar de outros assuntos, Churchill aparecia com o problema da superação das trincheiras. "D. A. D.", dizia êle (chamando-o pelas iniciais do cargo em inglês), "convoque as melhores cabeças que tiver para tratar disso." D. A. D. não percebia muito o que era que a Marinha Real ou o Serviço Aéreo tinham com a guerra de trincheiras—mas a responsabilidade era de Churchill.

Sem consultar o Almirantado ou o Exército, Churchill encomendou 18 "navios de terra" ao preço de 70 000 libras. Os que tomavam conhecimento das novas máquinas diziam que se tratava de uma "Loucura de Winston". —Lewis Broad

O ÚNICO plano que oferecia de fato uma probabilidade de vencer a guerra—forçar a passagem dos Dardanelos—foi concebido por Churchill. Se o plano lograsse êxito, a Turquia seria derrotada, poder-se-ia abrir uma via de abastecimento para a Rússia e a carnificina seria abreviada de anos.

Mas a angustiosa campanha se prolongou durante um ano de êxitos perdidos por pouco, pouca sorte

e confusão. Realizaram-se dois assaltos anfíbios à Península de Gallipoli, ambos muito reduzidos e tardios.

Clement Attlee, que lutou em Gallipoli, disse que foi êsse “o único conceito estratégico imaginoso da guerra”. Mas quando a campanha se estagnou no mesmo custoso impasse que dominava a França, a Inglaterra precisou de um bode expiatório e encontrou-o na pessoa de Winston Churchill. Os liberais tinham necessidade de uma sólida ligação com os conservadores; êstes exigiram, como condição essencial, que Churchill fôsse afastado do governo. Foi êsse o seu primeiro e amargo exílio do poder.

—Richard Armstrong

Interlúdio

CHURCHILL recebeu um cargo oficial nominal, a chancelaria do Ducado de Lancaster.

“A transição das intensas atividades do Almirantado para as funções estreitamente controladas de conselheiro, deixou-me ofegante”, escreveu êle. “Como um animal marinho pescado das profundezas ou como um mergulhador trazido de repente à superfície, minhas veias ameaçavam estourar.”

—René Kraus

No comêço do verão de 1915, meu tio se retirou para Hoe Farm, no Surrey. Envolvia-o uma majestosa tristeza. Numa tarde cheia de sol, vagava êle pela casa quando de repente viu a minha caixa de aquarela. No mesmo instante resolveu

pintar. Sentou-se e trabalhou feliz durante o resto do dia. O resultado agradou-lhe. Desde que não era homem para fazer fôsse o que fôsse pela metade, enveredou imediatamente pela pintura a óleo.

—John Spencer Churchill

“SE ÊSSE homem fôsse pintor profissional”, disse certa vez Picasso, “não teria qualquer dificuldade em ganhar bom dinheiro.”

—Robert Lewis Taylor

POR QUE só pinta paisagens?—perguntou-lhe um amigo.

—Porque—disse Churchill—uma árvore não se queixa de que eu não lhe tenha feito justiça!

QUANDO não estava pintando, meu tio nos divertia com brincadeiras. Uma das suas especialidades era brincar de gorila. Vestia as roupas mais velhas que tinha, escondia-se atrás das moitas e das sebes, e esperava que um de nós chegasse perto. Havia então gritos de repente, e rugidos que faziam o sangue gelar, e meu tio aparecia, com os braços pendendo inertes ao lado do corpo. Perseguia-nos e corria para a árvore mais próxima. Poucas pessoas podem dizer que já viram um ex-Primeiro-Lorde do Almirantado encolhido entre os galhos de um carvalho arreganhando os dentes e batendo com os punhos no peito.

—John Spencer Churchill

EM NOVEMBRO, Asquith foi de opinião que a oposição a Churchill era ainda forte demais para que êle pudesse ser incluído num conselho de guerra. “Não me é possível”, escre-

veu prontamente Churchill, “em tempos como os atuais permanecer em inatividade bem remunerada. Peço-lhe, portanto, que apresente o meu pedido de demissão ao Rei. Coloco-me à disposição das autoridades militares, lembrando que o meu regimento está na França.”

—Malcolm Thomson

“C’est la Guerre”

QUANDO o Major Churchill chegou à França, foi imediatamente levado num carro para Saint-Omer, onde Sir John French, amigo leal, o recebeu cordialmente.

—Quer comandar uma brigada? —perguntou êle.

Winston aceitou com prazer. Um comandante de brigada tinha as honras de general e 4 000 homens sob as suas ordens. Mas Churchill estipulou que antes disso deveria ter um mês de treinamento em guerra de trincheira.

—Virginia Cowles

“PELO AMOR de Deus”, suplicou o Primeiro-Ministro, “não lhe dê uma brigada. Dê-lhe no máximo um batalhão.” Mais tarde, um dos homens do Ministério disse que Asquith tivera receio de que Churchill, talvez protegido pela escuridão da noite, fizesse a brigada marchar diretamente sôbre Berlim.

Em vista disso, Churchill passou a ser coronel e a comandar um batalhão do 6.º Corpo de Fuzileiros Reais Escoceses, acantonado na aldeia de Ploegsteert. Depois do primeiro choque, o batalhão começou a

orgulhar-se de ser comandado por um ex-ministro.

—Robert Lewis Taylor

CHURCHILL não tinha hora para aparecer na linha de frente. Fazia inspeção três vezes por dia em média, o que não era pouco em comparação com os outros trabalhos que lhe cabiam. Uma dessas visitas, pelo me-



Com um capacete francês: França, 1915

nos, era noturna, quase sempre por volta de uma hora da madrugada.

Quando chovia, aparecia completamente coberto de impermeáveis, inclusive usando macacão, e com um capacete azul-claro francês. Era uma figura notável. Sempre se mantinha em estreito contato com qualquer trabalho que se estivesse fazendo.

—Prof. Dewar Gibb

TINHA PENA quando via rapazes novos tremerem ao darem serviço de sentinela. Subia ao parapeito e explicava com bondade e paciência que as probabilidades de serem atingidos por alguma bala eram mínimas.

Quando havia algum ferido, Churchill ficava agitado e preocupado. Corria para o local e travava um diálogo de entendido com o médico. Marchava ao lado da padiola, apresentando argumentos médicos, que eram marcadamente incompetentes, para provar que o paciente dentro em breve estaria inteiramente restabelecido. Os seus homens ficavam radiantes, mas o médico se exasperava. “Êsse sujeito horrível me trata como se eu fôsse o ordenança do médico!”

O 6.º de Fuzileiros tinha uma bateria de canhões de 18 libras, que o coronel gostava de fazer atirar nas mais estranhas horas. “Vamos atrapalhar o sono dos hunos”, dizia aos seus homens. Com isso, atrapalhava também o sono dos seus, mas êstes se submetiam. A guarnição da bateria podia ser tirada da cama às três horas da madrugada com a ordem: “Dêem 10 salvas! Vamos acordar aquêles camaradas!” O tiroteio começava então e o inimigo respondia com balas em represália.

Poucos dias depois da sua chegada, tôda a aldeia de Ploegsteert se mudou, desesperada. Solícito até ao fim, Churchill emprestou à população os carros de carga do batalhão para transporte dos seus bens e despediu-se dêles com muitos gri-

tos de “*C'est la Guerre!*” Mas os resmungos da gente de Ploegsteert indicava que era “*C'est le Churchill!*”. Como disse a parteira do lugar, não tinha havido qualquer dificuldade antes de êle chegar. —Robert Lewis Taylor

O Advento da “Loucura de Winston”

CHURCHILL fôra alvo de sondagens da parte de elementos do Parlamento, que instavam com êle para que voltasse para a Inglaterra e participasse de uma oposição patriótica. Pediu baixa do Exército. “Estava sinceramente convencido de que só com a sua orientação podia ser salvo o Império”, escreveu Lorde Beaverbrook, “e sofria ao saber que homens sem valor estavam estragando tudo.”

—Virginia Cowles

CORRENDO grande risco político, seu velho amigo Lloyd George nomeou-o para o Ministério das Munições, onde êle foi tão eficiente como sempre—em seis meses, a fôrça do corpo de tanques foi aumentada de 27%, a do corpo de metralhadoras, 41%, e o número de aviões na França, 40%. —Richard Armstrong

DURANTE os últimos meses da guerra, os tanques foram uma obsessão para o Ministro das Munições. Já se passara o tempo em que a “Loucura de Winston” era ridicularizada pelos cépticos. O tanque já havia provado o seu valor no campo de batalha.

O primeiro “Big Willie” fôra sub-

metido a experiências oficiais em 1916. Essas experiências deram bom resultado e o Ministério da Guerra encomendou várias máquinas. Quando 49 tanques foram postos em ação na batalha de Thiepval, em setembro de 1916, a iniciativa de Churchill foi plenamente justificada. Doze meses depois, 378 tanques de combate e 98 tanques auxiliares fizeram um ataque em Cambrai—“uma batalha ao jeito dêles”, declarou Churchill. Numa frente de mais de 10 quilômetros, o sistema de trincheiras dos alemães foi capturado. Diz a história oficial do Corpo de Tanques: “Fôra vencida uma das mais espantosas batalhas de tôda a guerra.” Daí por diante, os tanques foram o fator decisivo da guerra.

—Lewis Broad

11 de novembro de 1918. Às 11 horas da manhã do Armistício, estava eu à janela do meu quarto no Hotel Metrópole, à espera de que o Big Ben marcasse o fim da guerra. De repente, soou a primeira pancada. A larga rua abaixo de mim estava deserta. Depois, uma esbelta figura de môça saiu de um prédio vizinho. Os sinos de Londres começaram a tocar. De todos os lados, torrentes de multidão se derramaram, às centenas, aos milhares, correndo para cima e para baixo, entre gritos de alegria. O tumulto engrossou como uma tempestade. Depois de 52 meses de triste distorção, de súbito e em tôda a parte jogava-se longe um fardo.

Minha mulher chegou e resolve-

mos ir apresentar cumprimentos ao Primeiro-Ministro. Mal entramos no carro, umas 20 pessoas subiram nêle e, no meio de uma multidão que aplaudia freneticamente, fomos levados lentamente através de Whitehall.

—Winston Churchill

Guerra e Paz

“A GUERRA dos gigantes”, como lhe chamou Churchill, estava terminada. Os encarregados da paz rumaram para Versalhes para discutirem sôbre a ossada da Alemanha, e “as disputas dos pigmeus” começaram. Churchill mostrou pouco interêsse pelo debate wilsoniano, afirmando que as fronteiras são as únicas realidades permanentes. E de fato, como agente das potências aliadas, estava inteiramente ocupado em dirigir uma boa guerra não declarada contra os bolchevistas na Rússia.

—John Davenport e Charles J. V. Murphy

CHURCHILL estava obcecado com a ameaça que o comunismo representava para o mundo. Dotado do senso da História que tanto o distingue entre os estadistas, sentiu a atração que teria aquela coisa maligna, a ameaça que viria a ser, se pudesse livremente infeccionar-se e propagar-se.

—A. L. Rowse

A RÚSSIA era teatro de revolução e contra-revolução. Lenine e os bolchevistas tinham o domínio precário da capital (S. Petersburgo, atual Leningrado) e das províncias centrais. Nas províncias externas havia

vários movimentos antibolchevistas sob a chefia do General Denikin, do Almirante Kolchak e outros. E no Norte da Rússia havia 12 000 soldados ingleses e 11 000 aliados.

—Lewis Broad

EM MAIO de 1919, o Supremo Conselho Aliado em Paris decidiu: os Aliados contribuiriam com munições e abastecimentos para o restabelecimento de um govêrno para tôda a Rússia. Ao mesmo tempo, os Aliados teriam de evacuar as suas tropas. Winston tinha afinal autoridade para agir. Despejou na Rússia muitos milhões de munições e material.

—Virginia Cowles

OS EXÉRCITOS dos russos brancos tinham entrado em ação com algum êxito. Em dado momento, chegou a parecer que Moscou ia cair em poder do General Denikin, e Lloyd George teve dificuldade em impedir Churchill de correr para lá. “Winston quer passear pelas ruas de Moscou montado num cavalo branco”, dizia êle com irritação.

Mas, com a retirada das tropas aliadas, os exércitos de Kolchak se desagregaram. No dia 3 de janeiro de 1920, os exércitos de Denikin foram dizimados e a luta cessou.

A intervenção russa de Churchill determinara a perda de poucas vidas, mas de muito dinheiro, e as suas relações com Lloyd George arrefeceram. Churchill havia esperado ser escolhido para Chanceler do Erário, mas, com grande decepção, recebeu o Ministério das Colônias.

—Geoffrey Bocca

Vida no Campo

NAS ELEIÇÕES de 1922, Churchill viu os liberais arrasados, os conservadores vitoriosos—e êle próprio derrotado nas urnas por um proibicionista desconhecido chamado Edwin Scrymgeour. Isso ocorreu num momento em que êle estava no hospital com apendicite. “Num abrir e fechar de olhos”, disse Churchill, “vi-me sem cargo, sem mandato, sem partido e sem apêndice.”

Escreveu *The World Crisis* (“A Crise Mundial”), uma história da guerra em quatro volumes. Balfour disse que se tratava da “autobiografia de Winston disfarçada na História do Universo”, mas tôda a Inglaterra leu o livro. Com os direitos autorais (muito mais de 35 000 libras) e com a herança deixada por uma bisavó, comprou Chartwell, uma bela casa senhorial, em Kent.

—Richard Armstrong

O JARDIM de Chartwell possuía um tanque cheio de mato que meu tio insistia com ostentação em chamar de lago. Não se perdeu tempo em formar um lago digno dêsse nome. Apareceu material de terraplenagem e um exército de homens robustos, vestidos de macacão. Distribuíram-se botas e pás a todos nós e recebemos ordem de colaborar—nenhum convidado, fôsse qual fôsse a sua posição, estava isento.

O lago, que tinha cêrca de 300 metros de comprimento, estava quase terminado quando meu tio ela-

borou mais um plano. Por que não ter um lago mais acima para pescar? Mais terraplenagem, mais trilhos, mais operários. Esse lago já se estava enchendo quando se traçaram planos para um lago mais acima do que estava *acima* e que serviria para nadar.

—John Spencer Churchill

POUCA GENTE nadou ali, embora Winston houvesse instalado um trampolim de onde arremessava feliz ao ar o volumoso corpo para ir estatelar-se na água, salpicando quem estivesse a seis metros de distância.

—Inspetor Walter H. Thompson

Greve Geral

FOI DERROTADO mais duas vezes. Estava quase reduzido à condição de ferro-velho político quando antigos amigos conservadores persuadiram os maiores do partido a lhe perdoarem a heresia original, aceitando-o de volta. Em 1924, deram-lhe o distrito de Epping que eles dominavam. Stanley Baldwin, que era nesse tempo o Primeiro-Ministro, nomeou-o Chanceler do Erário, o segundo posto do Governo.

—John Davenport e Charles J. V. Murphy

CHURCHILL nunca de fato aprendeu o cargo ou se afeiçãoou a êle. Irritava-se, como acontecera ao pai, com o que Lorde Randolph chamara de “malditos pontinhos”. Restabeleceu na Inglaterra o padrão-ouro num admirável gesto de ortodoxia fiscal, que, entretanto, elevou o preço de muitos artigos de exportação

britânicos, afastando-os do mercado mundial.

—Richard Armstrong

AS MINAS de carvão é que primeiro sentiram as conseqüências da política de Churchill. Os proprietários das minas foram forçados a baixar os preços e, em vista disso, decidiram reduzir o salário dos mineiros, o que tornaria a indústria carbonífera uma daquelas em que mais se explorava o operário no país.

—Virginia Cowles

NO DIA 4 de maio de 1926 iniciou-se uma greve geral. Cinco milhões de operários largaram as ferramentas. Eram inspirados por Ernest Bevin, figura nova no cenário britânico. “A história dirá”, declarou êle, “que foi uma geração esplêndida a que estava preparada para fazer isso em vez de ver os mineiros tratados como escravos.” Entretanto, a greve geral redundou em completa vitória para o Governo. —Geoffrey Bocca

CHURCHILL estêve à frente do Tesouro durante cinco anos. Há algo de cativante num ministro capaz de dizer quando tudo terminou: “Dizem todos que eu fui o pior Chanceler do Erário que já houve. E eu agora estou inclinado a concordar com êles.”

—A. L. Rowse

Horário de um Escritor

EM 1929, Churchill ficou de nôvo sem cargo. Verificou-se então aquêle intervalo perdido em que a Inglaterra não teve o que fazer do seu grande homem. Embora conservasse

a sua cadeira no Parlamento, tornou-se figura isolada, sumida nas bancadas colocadas abaixo do corredor, do lado do Govêrno. “Deixaria de vez a política”, disse êle a um amigo, “se não fôsse a remota probabilidade de ainda vir a ser Primeiro-Ministro.”

Êsse tempo foi chamado de anos no deserto, mas Churchill tinha muito que fazer escrevendo para jornais e revistas. Era muito bem pago. Nenhum outro escritor na Inglaterra, exceto Shaw, ultrapassava a sua receita anual de 35 000 libras.

Ganhava até com os seus infortúnios pessoais. Atropelado por um táxi em 1931, em Nova York, quando fazia uma série de conferências, teve destaque no noticiário das primeiras páginas quando cavalheirescamente eximiu de culpa o motorista. Depois, do seu leito de dor, escreveu uma trágica descrição do acidente, pela qual recebeu 900 libras. —John Davenport e Charles J. V. Murphy

Os AMIGOS instaram com êle para que enfrentasse a massa de documentos existentes nos arquivos de Blenheim e escrevesse uma biografia definitiva do Duque de Marlborough, tarefa de que resultou uma obra monumental, estendida por quatro volumes. Reuniu em volta de si as turmas habituais de secretárias para anotarem as torrentes de palavras que êle ditava, e trabalhava pela noite adentro até de madrugada.

—Geoffrey Bocca

AFIRMAVA que precisava no má-

ximo de seis horas de sono. Acordava às sete horas e examinava todos os jornais. Tomava o desjejum às oito, com um *menu* do qual quase sempre constava carne. Depois, trabalhava em *Marlborough* até à hora do almoço, que era às 13h 15m.

O almoço era acompanhado de champanha e seguido de vinho do Pôrto e de conhaque, com um charuto, até às 15 ou 16 horas, quando voltava a trabalhar em *Marlborough* até ao chá das cinco, que era melhorado com uísque com soda. Trabalhava mais até à hora do jantar, às 20h 15m. O jantar se prolongava com mais champanha, vinho do Pôrto, conhaque e charutos, até às 22 ou 23 horas, quando se retirava para ditar mais e tomar mais uísque até às duas ou três da madrugada.

—John Spencer Churchill

VISITOU todos os campos onde Marlborough lutou, estudando a composição dos exércitos até ficar a par da estratégia e da tática tão bem como o próprio Marlborough. Fêz uma dessas expedições ao exterior no verão de 1932. —Virginia Cowles

EM MUNIQUE, um cavaleiro apresentou-se: *Herr Hanfstaengl*, amigo íntimo do Führer. Falando inglês excelentemente, fêz um relato assaz interessante das atividades de Hitler. Disse-me que eu devia conhecer o Führer, que ia todos os dias às cinco horas ao hotel. E eu então perguntei: “Mas por que o seu chefe é tão violento em relação aos judeus? Que culpa tem qualquer

homem de ser como nasceu?" Êle deve ter repetido isso a Hitler, porque no dia seguinte apareceu-me novamente e disse que o Führer não iria ao hotel naquela tarde.

Foi assim que Hitler perdeu a sua única oportunidade de conhecer-me pessoalmente.

—Winston Churchill

A Tempestade em Marcha

POUCO DEPOIS, a Alemanha reclamou abertamente o direito de rearmar-se. Winston advertiu os deputados na Câmara dos Comuns: "Não é igualdade de direitos que a Alemanha está querendo. Todos os grupos de robustos jovens teutões, que marcham pelas ruas da Alemanha com os olhos acesos de desejo, não estão em busca de igualdade. O que procuram é armas e, quando as tiverem, podem crer, exigirão então a volta dos seus territórios perdidos."

—Virginia Cowles

ENQUANTO o govêrno seguia uma política baseada em hábeis epigramas e apaziguamento, Churchill, esperava, analisava e fremia de raiva. As suas fontes de informações eram pelo menos tão boas como as do govêrno. Declarou nos Comuns que a aviação alemã estava prestes a tornar-se mais forte do que a da Inglaterra. O govêrno contestou—até depois da eleição de 1935—e então relutantemente reconheceu que Winston tinha razão.

—Richard Armstrong

EM 1936, Churchill atingiu o ponto mais baixo da sua carreira em conseqüência do papel que desem-

penhou na crise da abdicação provocada pelo projetado casamento de Eduardo VIII com a Sr.^a Wallis Simpson. Churchill ficou ao lado do Rei, que conhecia e estimava desde a infância. Aconselhou Eduardo a desafiar os seus adversários da Igreja e do Estado, ir para o Castelo de Windsor, "erguer a ponte levadiça" e dizer-lhes: "Venham buscar-me."

Churchill escrevera a êsse respeito em *The Gathering Storm*: "Fui tão denegrido nesse caso perante a opinião pública que a opinião quase universal era que a minha vida política estava finalmente encerrada."

—Robert E. Sherwood

O REI PREFERIU a abdicação e Churchill ajudou-o a escrever um discurso de despedida. Eduardo redigiu o primeiro rascunho, mas Churchill intercalou um sem-número de frases majestosas e suavizou tudo. Quando o Rei pronunciou pelo rádio o famoso discurso que começava assim: "Afiml, posso dizer algumas palavras minhas", Churchill ouviu-o pelo rádio em Chartwell e modestamente comentou o vigoroso estilo do Rei.

—Robert Lewis Taylor

Por Uma Larga Escada Abaixo

NA SUA CAMPANHA contra o apaziguamento, Churchill mobilizou tôdas as suas fôrças. Durante algum tempo foi uma voz isolada pregando no deserto. Mas o poder e a majestade da sua eloqüência não se ostentaram jamais de maneira tão soberba, nem mesmo no tempo da guerra.

—Lewis Broad

Em 1938, duas semanas depois da anexação da Áustria por Adolf Hitler, Churchill levantou-se na Câmara dos Comuns, com os ombros ligeiramente encurvados, a cabeça projetada para a frente e uma das mãos no bolso do colête. As suas palavras ressoaram pelo recinto com terrível fôrça:

Há cinco anos venho falando a esta Casa sôbre tais assuntos— não com muito êxito. Tenho visto esta famosa Ilha descer rapidamente, dèbilmente a escada que leva a um negro abismo. É no comêço uma bela e larga escada, mas, ao fim de algum tempo, acaba-se o tapête. Um pouco mais adiante, só há lajes de pedra e até estas começam mais à frente a quebrar-se sob os pés.

Se uma catástrofe mortal se abater sôbre a nação britânica, os historiadores, daqui a 1 000 anos, não poderão absolutamente compreender como foi que uma nação vitoriosa tolerou o abandono de tudo o que havia ganho com tão desmedidos sacrifícios. Agora os vencedores estão vencidos e os que depuseram as armas estão em marcha para dominar o mundo.”

Quando Churchill se sentou, houve um momento de profundo silêncio. Em seguida, a Câmara irrompeu em barulhenta confusão. Os deputados recolheram os seus papéis e encaminharam-se para o vestíbulo. Perguntaram a um eminente con-

servador o que pensava do discurso e êle respondeu: “Ora, trata-se da habitual obstrução churchilliana.”

—Virginia Cowles

O PRIMEIRO-MINISTRO Chamberlain prosseguiu nos seus esforços pela paz. Encontrou-se com Hitler em Munique, e a Tchecoslováquia foi sacrificada à causa do apaziguamento. Chamberlain regressou e foi aplaudido por multidões delirantes. “Paz com honra . . . paz em nosso tempo”, declarou êle.

—Lewis Broad

NA CÂMARA, Winston levantou-se para falar entre gritos e vaias sem medida. “Começarei dizendo o que todos gostariam de esquecer, mas que deve ser afirmado, isto é, que sofremos total e impiedosa derrota.”

—Geoffrey Bocca

FOI FORÇADO a parar até que o clamor cessasse. Imperturbàvelmente, continuou:

Não regateio ao nosso povo leal e bravo a sua espontânea explosão de alegria, mas acho que deve saber a verdade. Deve saber que sofremos uma derrota sem guerra. E não se pense que isto é o fim. É apenas o comêço, o primeiro gole, a primeira prova da taça amarga que nos será estendida de ano para ano, salvo se, por uma suprema recuperação da saúde moral e do vigor marcial, nos levantarmos de nôvo e tomarmos posição em defesa da liberdade como nos velhos tempos.

—Lewis Broad

QUANDO os nazistas invadiram a Polônia, em setembro de 1939, e os seus objetivos se tornaram claros até para Chamberlain, não houve outro remédio senão repor Churchill no seu velho lugar no Almirantado. A Armada recebeu um telegrama jubiloso: "Winston está de volta!"

—Richard Armstrong

O EFEITO sôbre Churchill foi elétrico. A lâmpada apagada refulgia. Precedido por duas garrafas de *scotch* e uma de Água de Seltz, instalou-se nos mesmos escritórios que havia ocupado na Primeira Guerra Mundial. Os velhos funcionários do Almirantado se espantavam de ver como o homem de 65 anos podia agir com a mesma energia do homem de 40. Com o seu velho hábito de resolver as coisas no local, fêz uma ronda de inspeção por arsenais, estaleiros, cais e bases. —John Davenport e Charles J. V. Murphy

Marcha com o Destino

QUANDO os nazistas lançaram o seu ataque contra a Noruega na primavera de 1940, um deputado chamado Leopold Amery, que era um dos mais velhos amigos de Churchill levantou-se para repetir a Chamberlain a terrível intimação de Oliver Cromwell: "Já está aqui há tempo demais para o que de bom estiver fazendo. Vá-se embora, digolhe eu, e encerremos o seu caso. Em nome de Deus, retire-se!"

E assim, depois de 40 anos de Parlamento, Churchill estava afinal no poder.

—Richard Armstrong

QUANDO fui deitar-me por volta das três da manhã, tinha consciência de um profundo sentimento de alívio. Tinha afinal autoridade para dar minha orientação a tôda a cena. Senti como se estivesse marchando com o Destino e que tôda a minha vida até então fôra apenas uma preparação para aquela hora e para aquela tribulação. —Winston Churchill

NINGUÉM que os tenha ouvido poderá esquecer aquêles grandes discursos nos quais pressentiu e deu vida à decisão de tôda a nação, aquelas frases vívidas, forjadas na brasa da bigorna do seu espírito.

—Clement Attlee

No DIA 13 de maio, fui à Câmara para ouvir o nôvo Primeiro-Ministro fazer o seu primeiro discurso, num pronunciamento que seria memorável. Estava calmo, o rosto firme. As suas primeiras frases, simples, corriqueiras, foram uma explicação dos motivos que o haviam levado a convocar a Câmara. Transformou-se então de repente num líder inspirado que consagrava uma nação a imensuráveis sacrifícios. Olhando alto e além das bancadas repletas para as janelas que lembravam as das catedrais e pelas quais entravam largas réstias de luz, disse com voz lenta: "*Nada tenho a oferecer senão sangue, canseira, lágrimas e suor.*"

A Câmara o escutava atento. Um grande silêncio desceu então sôbre o plenário. Seguiu-se uma aprovação profundamente murmurada como se

a Câmara estivesse dizendo "Amém". Dez minutos antes, fôra uma assembleia ansiosa e preocupada; passara a ser uma fôrça coesa cujo coração palpitava sincronizado com o do seu chefe. Aplaudiram-lhe as palavras quase antes de serem pronunciadas.

"Querem saber qual é a nossa política?", continuou êle, como se estivesse expondo o coração da nação diante do Céu. "É fazer guerra no mar, na terra e no ar, com todo o nosso poder e com tôda a fôrça que Deus nos puder dar; é fazer guerra a uma tirania monstruosa, nunca ultrapassada nos sombrios e lamentáveis

anais do crime humano; é essa a nossa política."

A Câmara deu-lhe consagrada aprovação. "Querem saber qual é o nosso objetivo? Posso responder numa só palavra: vitória, vitória a todo custo, vitória a despeito do terror, vitória por mais longa e áspera que possa ser a estrada..." Assumiu o compromisso por si, pelo Parlamento e pelo povo de tomar o caminho de que não podia haver recuo, e os deputados, representando o sentir do povo, empenharam nêle a sua confiança, para o melhor ou para o pior, até que se alcançasse a vitória.

(Continua no próximo número)

FONTES: Richard Armstrong, "Finest Hour—1962", USA-1, 1962. Clement Attlee, "Across the House", em *Winston S. Churchill, A Tribute by Various Hands*, organizado por Sir James Marchant, Cassell & Co., Ltd., 1954. Princesa Marthe Bibesco, *Sir Winston Churchill, Master of Courage*, Robert Hale, Ltd., 1957. Geoffrey Bocca, *The Adventurous Life of Winston Churchill*, Julian Messner, 1958. Lewis Broad, *Winston Churchill: The Years of Preparation*, Hutchinson. John Spencer Churchill, *Crowded Canvas*, Richmond Towers & Benson, Ltd. Winston Churchill, *My Early Life*, Odhams Books, Ltd. *World Crisis*, Odhams Books, Ltd. *A Segunda Guerra Mundial*, Comp. Editôra Nacional, São Paulo. Virginia Cowles, *Winston Churchill: The Era and the Man*, Hamish Hamilton, Ltd. *Daily Mail*, Londres. John Davenport e Charles J. V. Murphy, *The Lives of Winston Churchill*, Charles Scribner's Sons, 1945. Peter de Mendelssohn, *The Age of Churchill*, Thames & Hudson, Ltd. Guy Eden, "Churchill in High Office", em *Churchill by His Contemporaries*, organizado por Charles Eade, Hutchinson, Ltd. Jack Fishman, *My Darling Clementine*, W. H. Allen & Co., Ltd., 1963. Prof. Dewar Gibb, em *Winston Churchill: The Years of Preparation*. Philip Guedalla, *Mr. Churchill*, Hodder & Stoughton, reimpresso com autorização da Sr.^a Philip Guedalla. Richard Harrity & Ralph G. Martin, *Man of the Century: Churchill*, Duell, Sloan & Pearce, copyright © 1962 de Richard Harrity & Ralph G. Martin. René Kraus, *Winston Churchill*, J. B. Lippincott Co., 1940; *Young Lady Randolph*, Longman's Green & Co., Toronto, 1943. Prof. A. M. Low, "Churchill and Science", em *Churchill by His Contemporaries*. Edward Marsh, *A Number of People*, William Heinemann, Ltd., & Hamish Hamilton, Ltd. E. D. O'Brien, "Winston Churchill the Man", em "An 80th Year Tribute to Winston Churchill", organizado por Bruce Ingram. © The Illustrated London News & Sketch Ltd. A. L. Rowse, *The Later Churchills*, The Macmillan Co., Ltd. Clare Sheridan, *Naked Truth*, Eyre & Spottiswoode, Ltd. Robert E. Sherwood, "Eighty Years of Churchill", *Look*, 16 de novembro de 1954. Sir Edward L. Spears, *Prelude to Dunkirk*, William Heinemann, Ltd., copyright 1954 de Roland Thomas Outen & Randolph Henry Albert Lorse. *Winston Churchill: An Informal Study of Greatness*, © 1952 de Robert Lewis Taylor. R. W. Thompson, *The Yankee Marlborough*, George Allen & Unwin Ltd., 1963. Inspetor Walter H. Thompson, *I Was Churchill's Shadow*, Christopher Johnson, George Malcolm Thomson, *The Life and Times of Winston Churchill*, Odhams Press Ltd., Londres.

FOTOGRAFIAS: Página 142, desenho de Low, reproduzido com autorização do *Register* de Des Moines e do *Tribune Syndicate*. Páginas 141, 148, 153, 157 e 166, fotos: *Wide World*. Página 162, foto: *Culver Pictures*.

(Tradução de Pinheiro de Lemos)

